

A BELEZA E AS NORMAS: O CORPO FEMININO NAS REVISTAS BRASILEIRAS DOS ANOS DE 1950

Aluno Lucas Giacometti Paris
Orientadora Profa. Dra. Luzia Margareth Rago
DEPTO. HISTÓRIA – IFCH - UNICAMP
Projeto de Iniciação Científica - Cnpq/Pibic
*Palavras-chave: Disciplina - Beleza
- Corpo Feminino -
- Revistas Femininas - Gênero*



A construção da beleza ligava-se ao prazer e ao autocontrole constante

Por meio desse painel, exponho os resultados mais relevantes de minha pesquisa referente à análise de algumas das revistas femininas brasileiras de maior impacto na década de 1950. Os periódicos selecionados foram as revistas *Querida* e *Cinelândia*, além de *O Cruzeiro*, de caráter mais geral, e seu anexo feminino, *A Cigarra*. Pesquisei especialmente o que tais revistas recomendavam quanto ao exercício de embelezamento, vislumbrado como dispositivo de normatização do corpo feminino. Igualmente procurei analisar outros assuntos recorrentes nessas publicações, como a busca e manutenção do casamento, o consumo de produtos industrializados, as produções fílmicas americanas, o trabalho feminino, entre outros.

Devido à sua qualidade de documento histórico, tais periódicos foram concebidos ao longo da pesquisa como formas de discurso, isto é, como prática instituinte de realidades e individualidades, sendo apresentados, no entanto, como regimes de verdade, naturalizados. Essa pedagogia veiculada em suas páginas era destinada a incutir procedimentos, regular formas de conduta, arregimentar desejos e ambições.

No Brasil, durante muito tempo, as mulheres foram submissas a dois poderosos discursos misóginos quanto às práticas de embelezamento – o médico, que via a beleza como uma situação saudável, e o religioso, que admitia que a beleza era um dom divino. Em se tratando do último, era considerado perigoso intervir no próprio corpo, já que assim a obra divina seria modificada e substituída. No período pós II Guerra Mundial, as concepções de beleza ganham novos contornos, influenciando grande número de brasileiras – principalmente por meio das revistas femininas. Os anos 1950 tornam-se, então, viscerais para a história do corpo feminino no Brasil, por caracterizar um momento peculiar de transições e sincretismos: se, de um lado, a arte da dissimulação ainda era suficientemente presente nos manuais e revistas veiculados, por outro, já germinava a necessidade de se construir e moldar o corpo desejado.



Para as revistas, embelezar-se era o mais feminino dos verbos



Capa da Revista *Querida* – uma mulher inteiramente bela e feliz

Uma das revistas mais pesquisadas foi *Querida*, produzida para um público especificamente feminino. Sua leitora-alvo era em geral mulheres brancas de uma crescente classe média, desejosas de sentirem-se modernas e conectadas às tendências internacionais. Outro periódico frequentemente pesquisado foi *O Cruzeiro*, de conteúdo mais abrangente, ainda que se encontre em seus exemplares receitas culinárias, conselhos para “salvar o casamento”, algum artigo de moda e no final do periódico, dicas de beleza.

Por sua vez, não faltavam nas páginas de *A Cigarra* manequins ou modelos internacionais. *A Cigarra* possuía também um “consultório sentimental”, no qual psicólogos e especialistas respondiam a algumas dúvidas ou dilemas amorosos das leitoras. Por fim, analisei *Cinelândia*, um periódico diferente dos anteriores porque se voltava especificamente a uma temática hollywoodiana, dando grande enfoque aos astros e estrelas americanos.

“Mamãe cuida da casa e papai vai trabalhar”. No meio, um eletrodoméstico – signo de modernidade.

Os cosméticos e suas técnicas de produção diversificam-se, assim como passam a ser utilizados em diferentes lugares e horas do dia – como se a todo o momento fosse necessário “prevenir-se” da feiúra. A autodisciplina e o autocontrole eram a tônica dessas revistas, em especial nos anúncios publicitários. Juntamente com essas modificações estéticas, testemunhavam-se novas práticas de higiene e cultura do “íntimo”. O esforço em limpar e limpar-se apresenta-se como prazer, e estar limpa é, portanto, estar atraente. Vale frisar aqui que um dos maiores objetivos de ser bela era ainda a felicidade conjugal.

Em se tratando das relações de gênero, em tal período ocorre a consolidação do modelo burguês e urbano da dona-de-casa, voltada aos cuidados da casa, dos filhos e ao amor conjugal. Era então um momento em que não havia uma crítica incisiva em relação à posição social e às práticas cotidianas da “rainha do lar”, postura essa só desenvolvida anos mais tarde. Curiosamente esse também é o momento em que o mercado incorpora um número cada vez maior de trabalhadoras. Todavia, não se pode ignorar o fato de que o trabalho feminino era discriminado, relegando às mulheres os cargos subalternos. O poder de decisão ou opinião nesses casos era reservado ao empregado ou patrão masculino.

